DEPÓSITO LEGAL
NO. 1963

JORNAL DA MOCIDADE

ARAUTO

1963
13 de MAIO
ANO VI
N.º 29

Prop. do CENTRO ESCOLAR N.º 1
Comp. e imp. Tip. CORREIO DA HORTA

Redacção e Administração: Liceu Nacional da Horta | *Editor:* DR. TOMAZ DA ROSA

Redactores José Aica e Manuel Carrinho | *Redactor Desportivo* Humberto Amaral | *Orientador Gráfico* Carlos Goulart | *Administradores* Luís Gonçalves e Luís Arruda

Numa desassombrada manisfestação de Fé, mais de 3000 jovens do Distrito da Horta afirmaram

OS NOVOS ESCOLHEM DEUS

Associando-se ao Grande Encontro de Juventude, que em Lisboa reuniu mais de 60 mil católicos de todas as parcelas do Território Português, a Juventude Católica do Distrito da Horta manifestou vibrantemente a sua Fé Cristã.

No dia 20 de Abril, concentraram-se na Horta as representações das freguesias rurais que, juntamente com as da cidade, se dirigiram para o Recinto do Liceu, onde teve inicio o Grande Encontro com uma breve sessão de exaltação cristã durante a qual o Rev. Correia da Rosa proferiu palavras cheias de vibração e entusiasmo, exortando os jovens a afirmarem a sua Fé viva e desassombradamente em todos os momentos da vida. Depois, usaram da palavra os Srs. Jorge Terra, em nome das classes trabalhadoras, Manuel José Carrinho e D. Fátima Capaz, pela juventude académica, e, finalmente a Prof. D. Natália Ramos, em representação dos organismos femininos da Acção Católica.

Organizou-se em seguida um cortejo pelas ruas da cidade. Os jovens dos dois sexos, empunhando cartazes e archotes e entoando marchas adequadas, dirigiram-se para a Igreja Matriz. No vetusto templo citadino realizou-se um acto religioso de afirmação de Fé. O Rev. Correia da Rosa, que ao Encontro dedicou o melhor do seu entusiasmo e dotes de apostolado, vivamente emocionado, disse que a Horta havia acabado de assistir a uma das mais belas manifestações religiosas de toda a sua História. O Rev. Cónego Cunha de Oliveira proferiu então uma brilhante Homilia, afirmando a certa altura: «Este não é o vosso Grande Encontro. Esse começará em breve quando as gerações anteriores vos entregarem os destinos do Mundo. O vosso Grande Encontro será com a vida e com um Mundo de que ainda cerca de dois terços

Conclui na 9.ª página

PREPAREMOS UMA *Geração Nova*

Dentro de sãos princípios é que podemos criar uma nova «Geração Portuguesa».

Quantas vezes se fala nas novas gerações sem que a palavra tenha sentido algum!

Gerações novas porque são as mais recentes,—mas velhas, velhissimas, no espírito, nos hábitos e nos costumes!

por José Avelar da Rosa

Gerações sem grandeza, sem ideal, sem elevação,—apegadas à tristeza do fado, ao vicio da critica, ao ambiente do café, à descrença mórbida.

A geração nova que nós temos de criar há-de separar-se do passado pela vontade enérgica de vencer pela serenidade do ânimo na adversidade ou nas simples contrariedades e pelo idea-

Conclui na 9.ª página

Cinema da F. N. A. T.

A Delegação na Horta da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho» tem levado a efeito no Ginásio do Liceu sessões de cinema com filmes culturais, informativos e de produções de fundo nacionais e estrangeiras de carácter adequado ao fim em vista.

Agradecemos os convites que a este jornal têm sido enviados para assistência às mesmas.

- - Ridenda Carniga Mores - -

Piadas de ontem mas que hoje ainda pegam

N. R. — Sabendo a redacção do jornal que estes casos veridicos, que alguns bisbilhoteiros nos vieram contar, despertariam grande interesse aos refinados apreciadores de «Bom Humor», não quisemos deixar, embora um pouco tardiamente, de os relatar «tal qual» aos nossos leitores.

Inspiração

O Luís Gonçalves cometeu mais uma façanha. Manda um para a selva pois que «com eles» é lá o seu lugar, e apodera-se e conquista uma fortaleza quase inespugnável

A Adelina concerteza não sabe que o malandro anda, segundo parece, a receber ofertas de ananases como prêmio da sua coragem. Boa sorte, Luís. Entre a cerveja e o ananás venha o ananás que é mais doce.

Quem tudo quer tudo perde...

...e a ciência do povo mais uma vez «bateu certo». Parece incrível que o «Arauto» volte novamente a falar neste assunto mas esta é de fazer as «pedras chorar».

Segundo consta grassa entre os alunos do Liceu certa doença de nome «hidrofobia». Pena que quem tenha «água» em tanta abundância a tenha de deitar fora por falta de quem a aproveite. Para os alunos do 1.º e alguns do 2.º ciclo, que não sabem qual a doença, o «Arauto» explica:

Hidro significa água, fonte ou corrente.

Fobia significa medo, desperdicio, etc.

Secção de Empréstimos da Sociedade VERGÍLIO E JORGE (Roches) Lta.

Concede a todos os seus clientes e amigos o direito de possuirem, durante as épocas festivas os terrenos aLINHAdos e limpos da dita sociedade, com direito à construção de laRES.

Tratar transacções com os ditos associados.

ass.
A Direcção

"Arranjo em Sol Maior"

Sentindo já a necessidade de organizar a sua vida, o Belchiar I pensou, e muito bem, em casar. Aproveitou por isso o carnaval para arranjar a sua «parceira» que sendo obrigada, «por via» das circunstâncias, a andar sempre a olhar para o ar, concerteza vai ficar com deformação no pescoço e vai criar um complexo de «pequenez». No entanto ela está «cheia de sorte», pois ele já aventa a hipótese de um casamento feliz. Mas..., há sempre um «mas».

Alô! Alô! Chamando o Henrique!

Esta «narração» não é como as outras, porque o sujeito àcerca do qual se vai tratar também não é como os outros. «Lógico».

Há dias, estando nós num grupo de rapazes que frequentam a alta sociedade, surpreendemos uma conversa na qual se ventilavam vários pontos da vida do nosso amigo.

No entanto, não nos foi possivel entendê-la na integra. Falavam àcerca de um baile e de «um» número que ele dançou com a Manulinho. Cuidado Henrique! Quem sabe se teu primo veio em serviço de espião a soldo da Ana Paula?

Notícias Soltas

Distracção

No acampamento, tendo-se mandado o Sérgio cobrir a chaminé com uma lona para impedir a entrada da chuva, este num gesto de quem anda distraído, sempre a sonhar com meninas, tapa a chaminé da vizinha. Avisam-se pois, todos aqueles que moram perto do dito rapaz e têm meninas em casa, não vá ele, muito «ingènuamente» entrar em «saguão» errado julgando que está a entrar no seu.

Traje de gala

Outro menino da nossa cidade de nome Ruy, que anda sempre com muita brilhantina no cabelo, levou para o dito acampamento a mochila e um saco cheio de roupa. Levou lençois, calças tyrilene, camisas sport, etc, e ainda há quem diga que também um ferro a pilhas para passar a sua indumentária.

Cházinho de marmeleiro era o que ..

E' preciso ter «lata»!!!

ARTE DE TALMA

No último espectáculo realizado no ginásio do Liceu, e no qual o Manuel Madruga teve um «êxito retumbante», apareceu a seguinte cena cómica.

Após o dueto, no qual os «artistas» reprimiam, a custo, sorrisos:

O Público — (batendo as palmas frenèticamente) Bis, Bis...

Seguiu-se um instante no qual a cena se encontrava vazia, e então, o Manuel entra quase correndo; chega à boca do palco e grita:

—Ela fugiu, ela fugiu. Não pode haver repetição.

Os actores têm cada capricho!

«ARAUTO» fala aos caloteiros

Meu rapaz, um conselho de amigo.
Paga o «Arauto» com um sorriso gentil:
uma só das palavras da vida
vale a pena guardar, entre mil.

E essa n'alma em silêncio gravada
pelas mãos do mistério há-de ser;
E' a maior de todas as palavras,
e também a que mais custa escrever.

De que serve guardar monumentos
de dinheiro que o trabalho forjou?
Caloteiro assim se chamava;
caloteiro assim se chamou.

Essa, entrou-te pela alma tão firme,
tão segura por dentro a fechou
que pagar é o que tens na memória,
do passado nem desejo ficou.

(Adaptação de parte do poema «O Álbum» de Garrett)

Preparemos uma Geração Nova

Conclusão da 1.ª página

lismo puro servido por virtudes positivas e práticas.

Temos de começar a cultiva-la bem cedo.

Os «Lusitos» aprenderão no jogo as primeiras regras da lealdade da franqueza e da superioridade na vitória e na derrota. E nos hinos e cantos, no culto da Bandeira Nacional, nas comemorações patrióticas, e no convivio quotidiano com o seu professor receberão as primeiras noções de que pertencem a uma grande comunidade nacional onde todos tem o dever de ajudar a todos e que marcha unida à conquista do seu pão e do seu destino.

Os «Infantes», desenvolvendo essas noções primeiras, são chamados já a actividades em que tenham ocasião de pôr em prática e rebustecer os seus sentimentos de solidariedade e de civismo. O campismo é meio excelente (e até insubstituivel) de pôr à prova o carácter e de adquirir novas qualidades, eliminando indispensáveis defeitos.

O Canto Coral dá a cada um a medida de quanto o seu esforço fica valorizado pela integração num conjunto e de como a harmonia depende da colaboração e da disciplina.

A defesa civil, a instrução sanitária, as transmissões — são actividades essencialmente destinadas ao serviço do próximo, não a utilidade pessoal.

A Educação Fisica, enfim, oferece mil ocasiões oportunas de aplicar as regras da disciplina, do dominio da vontade da obediência pronta, da submissão ao interesse do grupo ou de um conjunto da necessidade de comando.

Os vanguardistas estão na crise da adolescência: dobrado cuidado deve pôr-se em evitar, não só a perda do trabalho educativo dos anos anteriores, como a sugestão das tentações numerosas que nessa altura seduzem os rapazes. E' o momento de aproveitar filiados para, como arvorados ou graduados, se colocarem ao serviço dos mais novos, serviço em cujas responsabilidades encontrarão forças para se defenderem e aperfeiçoarem. A higiene moral (defesa contra os vicios correntes que coroem a alma e destroiem a saúde do corpo). E a iniciação desportiva ou os desportos nos centros especializados juntam-se aos meios indicados para a educação dos Infantes.

Enfim, os «Cadetes» precisam já de ser melhor esclarecidos por uma cultura, elementar embora, das razões profundas das suas atitudes morais e dos seus deveres civicos. Trata-se então de coroar a obra dos anos anteriores mediante a sistemática exaltação de um conceito militar da vida toda destinada a servir ideais e os homens que fielmente os encarnem como chefes até ao sacrificio, pelo simples merecimento da honra e através das mais duras provações.

Honra, Dever, Serviço e Sacrificio

OS NOVOS *escolhem Deus*

Conclusão da 1.ª página

não conhecem a Cristo». Depois de um acto de Fé rezado para todos os presentes, terminou a cerimónia religiosa da Igreja Matriz, com a benção SS. Sacramento.

A Horta viveu momentos de alta espiritualidade e toda a cidade vibrou com este movimento entusiástico da juventude. São bem significativas as colgaduras das janelas e as flores atiradas à passagem do desfile, e a presença de S. Ex.ª o Governador Freitas Pimentel, que não quis deixar de tomar parte activa nesta grande manifestação de entusiasmo juvenil e de zelo religioso.

R. D. M.

Conclusão da 8.ª página

§ único — A parte dada por uma praça de pré será sempre averiguada por um oficial.

ARTIGO 133

Não pode aplicar-se ao mesmo militar mais de uma pena disciplinar por cada infracção, ou pelas infracções acumuladas que sejam apreciadas num só processo.

§ único — O procedimento disciplinar é independente do procedimedto criminal no que respeita à aplicação das penas.

ARTIGO 134

As infracções de disciplina são sempre consideradas mais graves:

1 — Em tempo de guerra
2 — Quando cometidas em país estrangeiro
3 — Quando cometidas por ocasião de rebelião, insubordinação ou em serviço de manutenção da ordem pública
4 — Sendo cometidas em acto de serviço, por motivo de serviço ou na presenca de outros militares, especialmente sendo inferiores do infractor
5 — Sendo colectivas
6 — Sendo reiteradas
7 — Causando comprometimento de honra, do brio e do decoro militar, ou prejuizo à subordinação, à ordem ou ao serviço.

§ 1.º — A falta é também tanto mais grave quanto mais elevada é a graduação daquele que a pratica.

§ 2.º — Quando diversos militares cometerem juntamente a mesma falta, a maior responsabilidade pertence ao mais graduado e, em igualdade de graduação ao mais antigo.

ARTIGO 135

São consideradas como circunstâncias atenuantes das infracções disciplinares:

1 — A prestação de serviços relevantes à sociedade
2 — A provocação, quando consista em pancadas ou ofensa grave à honra do infractor, cônjuge, ascendentes, descendentes, irmãos, tios, sobrinhos ou afins nos mesmos graus, e tenha sido praticado a infracção em acto seguido à provocação
3 — O exemplar comportamento militar
4 — O bom comportamento militar
5 — A menor idade de dezoito anos
6 — A apresentação voluntária
7 — A confissão espontânea.

ARTIGO 136

Em regra geral aplicar-se-ão os castigos mais severos só depois de impostos os menos rigorosos. Esta regra deve porém, ser alterada no caso de grave infracção de disciplina, quer pelas circunstâncias de que for revestida.

ARTIGO 137

Quando um militar tiver conhecimento de que um seu inferior, em estado de embriaguês, está praticando acções contrárias à ordem pública, à disciplina ou à dignidade militar, ordenará que ele seja recolhido em lugar apropriado, recorrendo sempre que for possivel, à acção de camaradas de igual graduação para conseguir a detenção do ébrio.

Soluções

Marlon BrAndo
Sofia LoRen
James StewArt
Maria DUlce
CanTinflas
Gina LolIObrigida
FerNandel
MáriO Pereira
Claudia Cardinale
António Vilar
Frank SiNatra
Vittorio dE Sicca
Jean Paul BelMondo
Liz TAylor

P	A	T	A	●	M	I	R	A
A	Z	U	L	●	I	R	I	S
N	A	●	●	●	●	●	O	S
O	R	●	M	E	U	●	S	O
●	●	●	I	L	S	●	●	●
C	A	●	L	O	A	●	S	A
A	I	●	●	●	●	●	A	R
L	A	P	A	●	A	R	C	A
A	S	A	S	●	S	I	A	S

1 — 25 de Novembro de 1845 e 16 de Agosto de 1900, respectivamente.
2 — Célebre filósofo inglês do Séc. XII.
3 — Óxido salino de ferro (O4Fe3).
4 — 87,44 quilómetros quadrados, aproximadamente.
5 — O livro de versos «A Clépsidra» publicado em 1920.

MILÍCIA

Noticiário

—Têm sido realizadas regularmente as instruções da Milicia. Sempre que o tempo permite organizam-se marchas e visitas aos fortes e posições de interesse estratégico. Nos outros dias têm-se efectuado as aulas de carácter teórico.

—Na noite de 9 para 10 de Março, os filiados do Centro n.º 26 de Milicia pernoitaram, em regime de acantonamento, no Forte do Monte da Guia.

—Alguns filiados do Centro de Milicia tomaram parte no acampamento da Páscoa, realizado conjuntamente com o Centro Escolar N.º 1 do Liceu Nacional da Horta.

R. D. M.

ARTIGO 129

Pelos Ministros do Exército e da Marinha e por todas as autoridades que têm competência para as conceder, poderão ser mandadas interromper as licenças a que se refere este regulamento, quando as necessidades do serviço o exigirem.

ARTIGO 130

Os superiores, quando tiverem de recorrer aos meios de repressão autorizados neste regulamento, para apreciar com inteira justiça as faltas cometidas. devem:

1.º — Ouvir o infractor, de viva voz ou por escrito, ou mandá-lo ouvir por um oficial, ácerca das faltas e dos motivos que as originaram, cumprindo a este oficial apresentar um relatório circunstanciado. O infractor só deixará de ser ouvido quando manifestamente se reconheça a impossibilidade de o fazer;

2.º — Verificar as alegações do infractor relativas às faltas cometidas e aos motivos;

3.º — Ter em consideração a natureza das faltas, circunstâncias que as acompanharam, motivos que lhe deram origem, comportamento anterior do infractor, o seu tempo de serviço, grau de inteligência, carácter e conhecimento dos seus deveres e regras de disciplina.

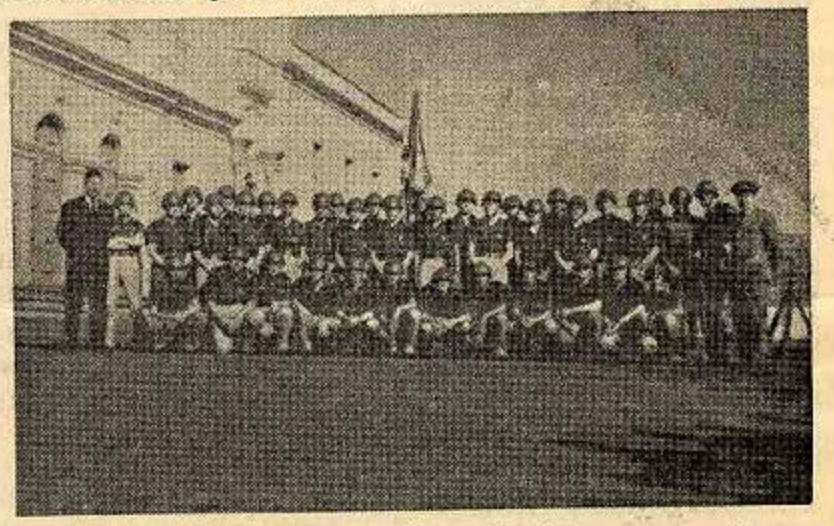
ARTIGO 131

O participante de uma infracção disciplinar deve procurar esclarecer-se prèviamente àcerca dos pormenores que caracterizaram essa infracção, ouvindo sempre que for conveniente e possivel o infractor.

ARTIGO 132

A parte dada por um oficial contra qualquer inferior, relativa a infracções de disciplina, será atendida pelos chefes, sem dependência de averiguações ou de outro testemunho exterior, mas sem prejuizo da doutrina do artigo 130, n.º1.

Conclui na 9ª página



Os dirigentes e Filiados do Centro de Milícia na parada do Quartel, após o desfile do 1.º de Dezembro

Continências e Honras Militares

11 — Acima de toda a hierarquia militar existem as Bandeiras ou Estandartes militares como simbolos da Pátria.

Todos os militares têm, portanto, obrigação de lhes fazer a continência quando uniformizados e de os cumprimentar quando em traje civil, mesmo que aqueles simbolos estejam encapados.

O Presidente da República e os Ministros da Defesa Nacional, do Exército e da Marinha, Subscretários do Exército e da Aeronáutica, e oficiais-generais, como chefes de forças armadas têm direito a iguais saudações mesmo que trajem civilmente.

12 — Os oficiais estrangeiros têm honras iguais aos da mesma patente das forças armadas nacionais.

13—Aos oficiais comandantes das Unidades ou Es abelecimentos militares, a partir do posto de major, inclusivé, compete-lhes diàriamente, desde a alvorada ao pôr do Sol, quando entrem e saiam da sua Unidade, a guarda formada e o toque de sentido, seguido do sinal respectivo feito pelo corneteiro ou clarim de serviço. Aos restantes é-lhes devido ùnicamente, o toque de sentido e o respectivo sinal.

14 — De modo idêntico se procederá quando entrarem num quartel o Chefe do Estado, os ministros do Exército ou da marinha, qualquer oficial General e os generais governadores ou comandantes de região, nas suas áreas, inspectores das Armas e os comandantes militares na área do seu comando.

15 — Os militares, mesmo que trajem civilmente, têm obrigação de cumprimentar os superiores a seguir indicados seja qual for o traje de que eles façam uso:

a) Chefe do Estado Maior do Exército

b) Comandante das suas regiões ou Governos Militares

c) Comandante sob cujas ordens servirem

d) Oficiais e aspirantes de hierarquia superior, que sirvam na mesma Unidade.

APONTAMENTOS

● Na limpeza e conservação do material militar são utilizados os seguintes ingredientes:

N.º 1—óleo grosso para lubrificação de maquinismos
N.º 2 — untura para material armazenado
N.º 3 — untura para material em serviço
N.º 4—untura para eixos de viaturas
N.º 5—untura para arreios
N.º 6—untura para equipamentos (panos de tenda, palas, cinturões, suspensórios, etc.)
N.º 7 — untura para bolsas de roupa, porta-carabinas, etc.
N.º 8—óleo para limpeza
N.º 8-A—óleo para limpeza
N.º 9—pasta para coronhas
A—tinta de surrador
B—trapo de algodão branco
C—trapo de lã

● Cada arma é acompanhado dum *estojo de limpeza*, que contém: corrente de limpeza, escovilhão de aço, escovilhão de limpeza, mecha, almotolia com untura n.º 3, espátula.

● Nas armas ligeiras são utilizados três tipos de munições: cartuchos simulados, cartuchos perfurantes, cartuchos de sinalização, dispostos em *pentes* de 5 balas.

● As espécies de tiro são as seguintes:

1—tiro tenso (Mauser e armas ligeiras)
2—tiro curvo (peças pesadas e morteiros).

A VIDA DE CAMILO NA SUA OBRA

Conclusão da 4.ª página

muito exaltado e inconstante e, mesmo até à heretariedade, pois os seus ascendentes sofriam quase todos de doenças mentais, o que afectou muito Camilo, principalmente no campo amoroso. Apaixonava-se com extrema facilidade por quem não se apaixonava por ele e vice-versa.

Outro factor importante que influenciou a vida e, por conseguinte, a obra de Camilo, pois a sua obra é um reflexo vivo da própria vida, foi o Romantismo.

Camilo nasceu com o Romantismo, precisamente na altura em que ele despontava em Portugal, com a obra «Camões» de Garrett.

Viveu envolvido num ambiente romântico que dava na realidade grande relevo à dor e ao sofrimento amoroso. Asssim, esta tendência da época, aliada à sensibilidade e temperamento de Camilo, impeliram-no a viver uma vida desconexa e descomandada.

Por outro lado escreveu uma obra cheia de tristezas, amores incompreendidos, mortes, como no «Amor de Perdição», paixões irrealizadas, recolhendo os apaixonados à vida conventual, de que temos exemplo o Padre Álvaro de «Romance de um Homem Rico» e Carlota Ângela do dito romance e ainda Frei Jorge de «O Último Acto» (drama). Outras obras ainda em que as personagens nos revelam um exemplo tipico de vida calma e de confiança em Deus como em «Amor de Salvação e «Lágrimas Abençoadas».

Temos ainda as obras em que descreve as belezas da Samardã e de Seide, a vida campesina com toda a sua calma, paz, harmonia; toda a felicidade e sossego que experimentou quando lá viveu.

Além dos romances mencionados, Camilo escreveu ainda «Anátema», «Mistérios de Lisboa», «Livro Negro do Padre Diniz», «Olho de Vidro», «Doida do Condal», «Onde estás Felicidade?» passados ora na cidade ora na aldeia, com tipos caracteristicos como burgueses, padres, fidalgos, mulheres do povo, aldeões, etc.

Em todos há, com maior ou menor intensidade, representações de crimes, da miséria, da dor e da corrupção.

Eram estas as descrições que mais impressionaram este escritor.

E em todas elas se reflecte o seu temperamento e aspectos da sua vida.

Maria da Luz

Campeonato de Andebol

Conclusão da 3.ª página

que se disputaram na 2.ª volta.

4.ª JORNADA

Sétimo Ano-Quarto Ano 7-2

1.ª Parte: 3-1

Árbitro: Eduardo Rocha

Sétimo-Ano: Carrinho; Serpa, Aica e Caetano, Humberto, Lourenço e Mesquita.

Quarto-Ano: Sérgio, R. Vieira, J. Castro e J. Machado; C. Machado, Leandro e Fraga. *Supl.* P. Luis.

Marcadores: Lourenço (5) e Mesquita (2), pelo Sétimo Ano. J. Castro e R. Vieira marcaram pelo Quarto Ano.

Sexto Ano - Quinto Ano: O Sexto Ano marcou pontos por falta de comparência do Quinto Ano.

5.ª JORNADA

Sétimo Ano-Sexto Ano 9-6

Arbitro: Sargento Fernando Dutra

Sétimo Ano: Carrinho; Caetano, Aica e Humberto; Parreira, Lourenço e Mesquita

Sexto Ano: Carmo; Naia, Quaresma e Mendonça; Aurélio, Rocha e Rodrigues

Marcadores: Lourenço (7) e Mesquita (2), fizeram os golos do Sétimo Ano.

A Quaresma (3); Mendonça, Rocha e Rodrigues, foram os marcadores do 6.º.

Quarto Ano — Quinto Ano

Os quartanistas averbaram os dois pontos desistência do Quinto Ano.

	J	V	E	D	G	P
7.º Ano	6	5	—	1	27-15	10
6.º Ano	6	4	1	1	18-18	9
4.º Ano	6	3	1	3	14-23	5
5.º Ano	6	—	—	—	2-5	0

MARCADORES

M. Lourenço (7.º A) 20 Golos
E. Rocha (6.º A) 7 »
A. Rodrigues (») 6 »

O valor turístico do Faial

Conclusão da 2.ª página

reita, temos o Pico Gordo com cerca de 1043 metros de altitude, ponto culminante da ilha.

Desçamos pela estrada asfaltada que nos conduz ao largo Jaime Melo saboreando a frescura agradável entre as criptomérias. Mais adiante observaremos o vale dos Flamengos. Que bela paisagem. Depois a pitoresca Quinta de São Lourenço onde se encontram uma variedade de galinácios, canideos, etc.

Saindo daqui, seguiremos para a Horta.

Mas afinal onde está o hotel de turismo?

Nada podemos responder porque também nós o ambicionamos: E' realmente uma das três coisas que fazem falta no desenvolvimento turistico desta ilha. São elas o anciado Aeroporto o tão desejado Hotel de Turismo e os Tanques de Óleo para o abastecimento à navegação para que o nosso porto se enchesse de novo de navios e a nossa cidade se movimentasse duas ou três vezes mais. Porque de mais belezas naturais não carece a nossa linda e hospitaleira terra, para ser considerada como ponto turistico de primeira classe.

Mário Manuel Simas de Lemos
5 ANO - B

Um pouco da História de Luanda

Conclusão da 2.ª página

esforço e sacrifício, que hoje todos nós, directa ou indirectamente, nos encontramos empenhados na defesa justa e humana de Angola, legada pelos nossos antepassados.

Este pequeno e longinquo distrito da Horta, longinquo na distância, não espiritualmente, como não podia deixar de ser, lá tem, na frente de batalha, muitos jovens, jovens heróis que, como já aconteceu, lá deixaram a curta vida para que amanhã, se possa escrever mais uma gloriosa página na gloriosa História de Portugal.

João Augusto Mota Marques
6.º ANO

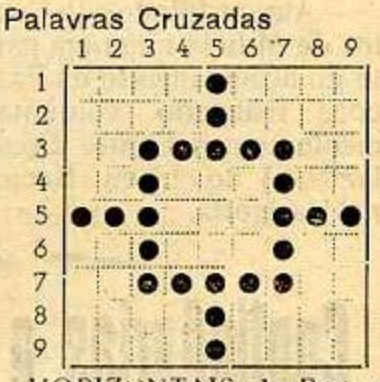
INTERVALO

Passatempo

Substitua os pontos por letras de modo a formar nomes de actores e actrizes célebres

```
..... ..A...
.... ..R..
. . ...A..
..... .U...
...T .....
.... . ..O.....
.. N.....
....O .....
..... C.....
.....I. .....
..... ..N....
..... .E .....
.... .... .. M ....
... .A....
```

Palavras Cruzadas



HORIZONTAIS: 1—Parte do corpo dos animais, observa; 2 — Cor, parte da vista; 3 — Contracção de preposição e artigo, artigo definido; 4 — Ou (inglês), pronome possessivo, solitário; 5 — Pronome pessoal francés; 6 — Aqui, elogio, apelido; 7 Interjeição, armosfera; 8 Molusco, baú; 9 Aparelhos de voo, abreviatura de senhoras em calão académico.

VERTICAIS: 1 Fazenda, contemporiza; 2 Má sorte, criadas de companhia; 3 Pronome pessoal, utensílio; 4 — Outra coisa, numeral cardinal, artigo definido; 5 Ligação; 6 — Nota musical, utiliza, artigo definido; 7 Caminhar, desdenha; 8 — Cursos de água, bolsa; 9 — Cozo, altares.

Não sabe ou não se lembra?

1 — Quais as datas do nascimento e da morte de Eça de Queiroz?

2 — Quem foi Rogério Bacon?

3 — O que é, quìmicamente, a magnetite?

4 — Qual a superficie da cidade de Lisboa?

5 — Qual a obra que celebrizou Camilo Pessanha?

(Ver soluções na página 9)

CASA ARRUDA - Horta

Apresenta os últimos modelos em calçado para senhora para prático e toilette (Saltos Luis XV)

Grande colecção de modelos onde os preços são sensações

Agência dos Armazéns do Conde Barão

TORNE-SE UM ATLETA
TOMANDO

MILO

Alimento para o Estudante

Combate o cansaço
Aumenta a capacidade de trabalho
Fornece energia para todo o dia

à venda em todos os estabelecimentos

AGENTES DISTRITAIS

António Pereira do Amaral & Filhos, Lda.

Padaria Açoriana

DE

José Peixoto de A'vila & Ca.

Fabrico e distribuição de pão
Artigos de Mercearia
Vinhos
Cervejaria

Padaria Açoriana

Praça do Infante

Na secção de Papelaria da Firma

Manuel Alexandre da Silva

(Herdeiros)

Rua Walter Bensaúde, 10

Encontrará todo o material da especialidade, bem como louças finas, brinquedos, etc.

TEL. 61 • TEL. 61 • TEL. 61 • TEL. 61 • TEL. 61 • TEL. 61 • TEL. 61 • TEL. 61 • TEL. 61 • TEL. 61

Para qualquer avaria na sua estalação eléctrica

tel. 61

Secção eléctrica
dos estabelecimentos

Francisco I. Campos, Lda.

PESSOAL ESPECIALIZADO

Não hesite

Dirija os seus passos à mercearia

Othon Amaral

O MAIS COMPLETO SORTIDO

de mercearia Fina

TEL. 139

Se no Comércio o reclame
é tudo, cá vai um pouco

Os Soares

com mais 1 Auto Mercedes a gasolina último modelo, supõem satisfazer hoje melhor que nunca

telefone **213**

HOJE E SEMPRE

Café VOLGA

Não esqueça portanto visitar o

Café VOLGA

—EH! PÁ!
O CAFÉ VOLGA
já não é o café da malta?

—Sim! E agora com ornamentações a cores,
e novo sistema de iluminação,
é a última palavra do género.

Confie a execução dos seus trabalhos fotográficos à

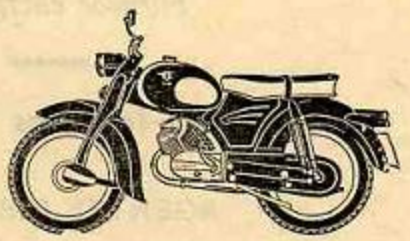
Foto Azul

RUA WALTER BENSAÚDE

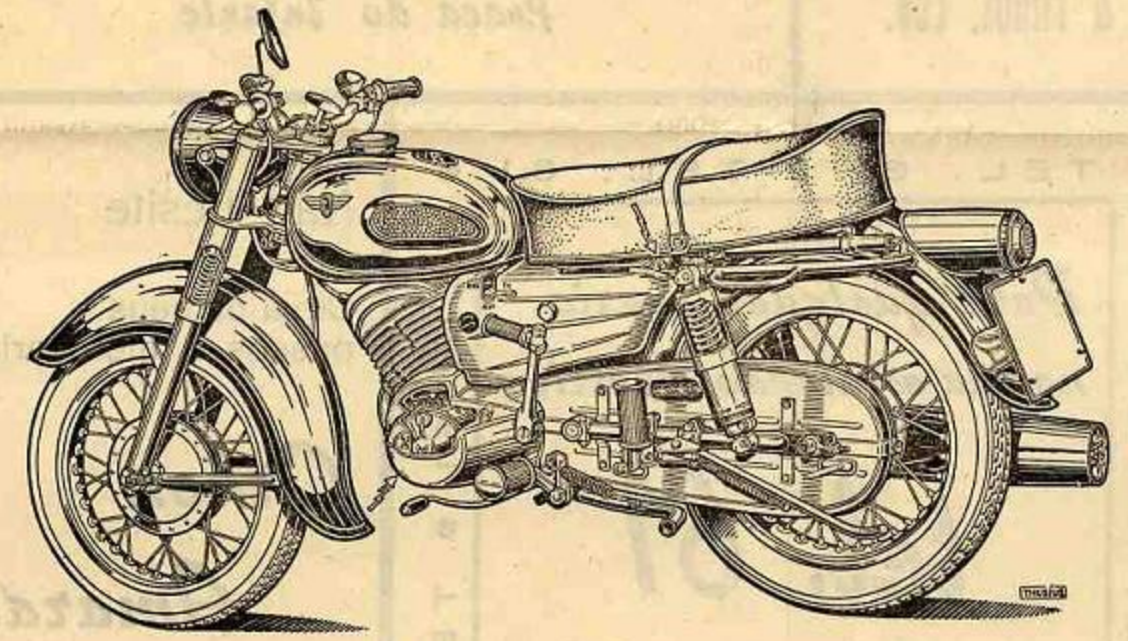
ZÜNDAPP

Já chegou a 12.ª remessa de bicicletas motorizadas

Zündapp Falconette Modelo KS 50



com 4 velocidades, mudança de pé, arranque por pedal (Kichstarter)
pneus super-balão 21x2.75, assento corrido, porta-bagagem cromado



e já chegaram

Motociclos

Zündapp

TROPHY - S 175
e TROPHY - S 250
de 175 e 25 cm3

únicos com arranques eléctricos!

Karl - Heinz Grötzner

Mercearia **Favorita**

HORTA

Para os seus presentes
prefira os bombons da
Favorita, pois são os que se
distinguem entre os melhores

Tudo de Mercearia e Vinhos

COR
QUALIDADE
BELEZA DURADOURA
SÓ COM

Robbialac

Agentes distribuidores no Distrito

Júlio Dutra d'Andrade & Macedo, Lda.

A vida de Camilo na sua obra

Camilo Castelo Branco nasceu em Lisboa, a 16 de Março de 1825.

Desde menino começou a sentir as agruras do sofrimento, pois ficou orfão muito cedo, indo viver com uma tia, Rita Emília, em Vila Real.

Durante a viagem levantou-se tremenda tempestade que fez o barco aportar a Vigo, onde desembarcou; passou por Bom Jesus em Braga e seguiu para Trás-os-Montes.

Viveu em Vila Real 3 anos. Por esta altura a irmã Carolina casou com um médico e fixou residência em Vilarinho da Samardã, perto de Vila Real. Camilo tendo então 14 anos foi para casa da sua irmã.

Na Samardã Camilo viveu feliz como o denotam algumas das suas obras. Foi ainda na Samardã que recebeu primorosa educação religiosa do tio padre António Azevedo «alma de Deus, missionário fervoroso» no dizer do próprio Camilo.

Os ensinamentos do catecismo e da relegião, assim como o respeito pelas verdades evangélicas gravaram-se bem fundo na alma de Camilo sendo o seu amparo e consolação mesmo até nas horas de negação, dúvida e escárnio.

O tio ensinou-lhe ainda latim, francês e literatura Portuguesa.

Já nesta altura Camilo, ainda muito jovem, apaixonou-se por duas raparigas transmontanas, Maria do Adro e Joaquina Pereira. Foi ainda na Samardã que lhe despontou a vocação para as letras.

Aos 18 anos abandonou a Samardã e depois de passar alguns meses em Lisboa fixou-se no Porto onde decidiu estudar. Para esse fim matriculou-se na Academia Politécnica onde cursou Fisica e Química. Estudou também anatomia, mas desistiu de se fazer médico.

Em 1848 foi agredido por 10 sargentos que o tosaram, em Vila Real, devido a estar envolvido em crime de sedução. Em 1851 ataca no Porto o director do jornal «A Pátria», que fica muito ferido na cabeça.

No tempo em que viveu no Porto foi observàndo e recolhendo dados para as suas novelas, onde aparecem tipos tipicamente Portuenses.

Depois de uma vida indisciplinada em que nos aparece ora como guerrilheiro miguelista ora como aventureiro e boémio, resolveu dar uma nova orientação à sua vida ingressando no seminário do Porto que frequentou durante 2 anos, de 1850 a 1852, com tenção de se ordenar. Contudo como não tinha vontade enérgica e não conseguia vencer os contratempos que a vida lhe proporcionava, abandonou o seminário.

Nos princípios do ano 1850 conheceu no Porto, em certo baile, a famosa burguesa e literata Ana Plácido casada com Pinheiro Alves. Em 1858 foge com ela. A policia procurou-os, mas por se terem refugiado em várias terras do Norte, só os conseguiu apanhar 2 anos depois, encerrando-os na prisão da Relação do Porto.

Na prisão teve oportunidade de observar a miséria, a desgraça, o crime e a infelicidade humana. Foi recolhendo tudo isto para a composição de romances futuros. Foi nesta altura que escreveu um dos seus grandes romances «Amor de Perdição».

Em 1864 casou com Ana Plácido e foi viver para S. Miguel de Seide. Levou uma vida simples e activa num isolamento provinciano e campesinho, e é neste ambiente que escreve as suas obras primas.

Mantinha correspondência com amigos e recebia de quando em vez as visitas de Castilho e Eça.

Foi aqui que escreveu «Amor de Salvação» em que descreve com simpatia e amor o lugar que, embora pobre, humilde e pouco confortável, foi o seu refúgio e o lugar onde viveu em tranquilidade e felicidade.

Pelo que resumidamente expûs apreende-se um pouco do que foi a vida de Camilo. Uma vida toda ela cheia de lutas, sofrimentos, contrariedades e de muito pouca paz e alegria.

Tudo isto se devia em parte ao seu temperamento

Conclui na 7.ª página

Tenente Santiago de Carvalho

A Delegação Distrital da Horta distribuiu aos alunos o seguinte que oportunamente arquivamos:

Para conhecimento dos filiados do Centro Escolar n.º 1 (Horta transcreve-se a seguinte biografia, publicada pela Delegação Distrital de Viseu.

Biografia do Tenente Alberto Santiago de Carvalho-Patrono do Curso de Chefes de Quina da Delegação Distrital da Mocidade Portuguesa, de Viseu, no ano lectivo de 1962/63: Divisa: «Serviço e Sacrificio».

«Nasceu em Unhais da Serra, filho de Augusto Duarte de Carvalho (já falecido) e de D. Maria Leonor Santiago.

Descendente duma família que é nobilissimo exemplo de solidez moral, frequentou o Colégio de S. José, na Guarda. Feito o curso liceal, ingressou na Academia Militar, cujo curso concluiu em 1958. Foi promovido a alferes em 15 de Agosto de 1959, e a tenente em 30 de Novembro de 1960.

Integrado na Companhia de Caçadores n.º 12, no Estado Português da India, encontrando-se em Damão, foi morto em combate, na madrugada do dia 18 de Dezembro de 1961, vitima da bárbara e vilissima agressão da União Indiana, quando se dirigia para o inimigo, junto à pista do Aeroporto de Damão.

Parecendo que antevia o desfecho fatal, escreveu algumas cartas a pessoas de familia, nas quais o Tenente Santiago de Carvalho se despedia dos seus, exprimindo-se com palavras transbordantes de patriotismo e de devoção a Deus, à Pátria e à Familia.

Apesar de conhecer a desigualdade da luta que se iria travar entre Portugueses e Indianos, não deixou de tombar como herói, pois cumpriu bem o seu dever de oficial distinto que era.

Numa carta que dias antes do ataque escreveu a um seu irmão, de que extrairam os seguintes passos, exprimiu-se assim:

«Perante a realidade, não posso enganar-vos, como aliás nunca foi meu procedimento. E a mesma realidade não permite que se acalentem desejos, mas sim que se encare de frente .. De um momento para o outro, que pode ser de dias, prevê-se a invasão dos nossos territórios da India Portuguesa. Perante tamanha desigualdade, não é dificil prever o desfecho, tanto mais que da nossa parte a todos anima o desejo de resistirmos até ao último momento. Assim acontecerá, pois, se a invasão se verificar . Apenas afirmo o desejo e a resolução de saber cumprir o meu dever como Português e como militar Português. Assim estou certo, podereis recordar-me sempre com saudade, e, Deus o queira, com orgulho... Não vos preocupeis demasiado. Tende Fé! E se algo de muito triste vos acontecer, consolai-vos a certeza de que morri como vivi: com dignidade e com o coração junto de vós. Que Deus vos acompanhe e ampare sempre! Estou de que nas vossas preces pedireis o mesmo para mim ..»

Assim tombou um herói que morreu corajosamente em defesa da nossa legítima e incontestada soberania das sempres nossas Terras da India Portuguesa.

Foi o tenente Alberto Santiago de Carvalho um antigo graduado, da então Delegação Provincial da MP, com sede em Viseu, que sempre soube honrar os «Preceitos do Bom Filiado», que a MP ensina a todas as gerações que por ela passam envergando a camisa verde. Que sirva de exemplo dos filiados mais novos».

•••• DESPORTOS ••••

A Evolução do Desporto (2)

Nos Ginásios ainda se praticavam jogos de bola como «harpast» antepassado do futebol e outros parecidos com o «hóquei em campo».

O Desporto Romano, que substituiu a actividade grega, quando mudou de mão a soberania mediterrânica, teva sempre caracteristicas opostas, de preparação militar ou o cunho de espectáculo bárbaro e sanguinário. Os jogos de circo, os combates de gladiadores,

por Carlos Goulart

eram sempre manifestações populares de profissionalismo e reservados ás gentes de baixas condições.

Os individuos de classes superiores nunca praticavam desportos e mantinham-se estranhos a esta prática.

Nos séculas seguintes, o desporto, resumiu-se à equitação e ao jogo de armas, considerados elementos de preparação militar. A feição desportiva, só surge na idade média como principio orientador da cavalaria que impunha aos seus praticantes o dever dos briosos para estarem sempre aptos ao combate.

Os torneios e as justas, eram espectáculos que levavam ao espirito da plebe o encanto desportivo.

Assim surgiram muitos jogos, como a «pela», da qual, três séculos mais tarde, o major Wirstud extrairá o «*teóris*», a «*sorele*» francesa e o «*cálcicio*» italiano que originaram o futebol. Esta modalidade, já havia sido divulgada na Inglaterra, mas ninguém lhe mostrava interesse, até que o Rei Francisco I da França e Henrique VIII de Inglaterra, travaram um encontro amigável, o que despertou grande interesse durante algum tempo. Tornou a decair até os começos do séc. XIX, em que surgem campanhas em vários paises a favor do mesmo objectivo — o desenvolvimento desportivo. É nesta altura que se começam a desenvolver diversas modalidades da ginástica e são criados alguns Ginásios na Suécia em 1813, na Alemanha, 1881, na Inglaterra, 1826 e em outras nações, verdadeiros focos iniciais da generalização moderna.

Foi devido à influência da Inglaterra que os Jogos Olímpicos são renovados, quando em 1896, se celebram em Atenas.

Em Portugal, a introdução dos desportos, datam do sec. passado e são as competições de Desportos Náuticos. No ano de 1852, são promovidos em Paço d'Arcos, por um nobre, regatas de vela e remo, que se repetiram nos anos imediatos em Cascais.

Dado o interesse pelos desportos do mar, é fundada em 1856, a Associação Naval de Lisboa, que é a mais antiga organização portuguesa da prática da modalidade.

Mais tarde, em 1875, é fundado o Ginácio Clube Português, que devido à sua intensa divulgação do desporto e cultura fisica, continuou a obra de propaganda no nosso pais.

Com Luis da Costa Monteiro, organizador do dito Clube, se ensinou a ginástica e com o aparecimento da bicicleta são disputadas as primeiras corridas no Hipódromo de Belém, em 17 de Maio de 1885.

Em 1891, era criado o Clube Velocipedista, que organiza uma deslocação a Espanha, onde competiram os melhores especialistas portugueses e espanhois, desta modalidade.

São no Porto criadas organizações idênticas às de Lisboa, com o fim de desenvolver a prática do desporto no Norte do País.

Antes do aparecimento destes géneros desportivos, eram praticados apenas em Portugal, a caça, a equitação e o jogo de armas.

A revelação do futebol, deve-se aos irmãos Pinto Bastos, que trouxeram da Inglaterra os conhecimentos da nova modalidade onde haviam sido educados. Em Outubro de 1888 disputa-se o primeiro encontro de futebol titulo de ensaio, que mostrou tamanho agrado pelo que a sua prática se espalhou ràpidamente.

Nos anos seguintes foram disputadas várias competições, mas quase sempre por iniciativa de Ingleses estabelecidos no nosso pais.

São nesta altura, estabelecidos «recordes» mundiais, como 3000 metros em 33,2s, corrida pedestre—15 kilómetros e outros.

São celebradas as primeiras competições inter-clubes. A 2 de Dezembro de 1906, por iniciativa do Infante D. Afonso, são disputadas várias actividades no velódromo da Palhavã.

Este desenvolvimento da prática desportiva, tem seguido em ritmo até aos nossos dias, competindo até em actividades internacionais.

Campeonato de Andebol

Terminou no dia 1 do corrente, o 5.º Campeonato da M. P., na modalidade de Andebol. A equipa do 7.º Ano foi a vencedora do campeonato, tendo a valorosa equipa do 6.º Ano alcançado o segundo posto, e não seria de admirar que tivesse ganho o campeonato, porquanto foi esta equipe e do 7.º Ano, os dois únicos agrupamentos que pela sua maior valia, poderam discutir o titulo até à derradeira jornada.

Damos a seguir os resultados dos jogos (2 apenas)

Conclui na 4.ª página

Acampamento da Páscoa

Como nos anos anteriores realizou-se este ano de 1 a 8 de Abril o nosso Acampamento da Páscoa, feito este ano em conjunto com o Centro de Milícia.

O local escolhido para a montagem do Acampamento foi o sitio do Cruzeiro, na freguesia do Capelo. Para esta actividade da M. P. inscreveram-se cerca de 40 filiados, sendo cerca de 25 do Centro Escolar N.º 1 e os restantes da Milicia. O comando do Acampamento esteve a cargo do C.C. Manuel José Carrinho, auxiliado pelo C. C. Carlos Manuel Goulart. Tomou parte, como Assistente, o Rev. Pe. Tomás Bettencourt.

O estado do tempo, sempre inconstante nas nossas Ilhas naquela quadra do ano, não permitiu a permanência no acampamento por mais de dois dias. O resto do tempo foi passado em regime de acantonamento.

Durante o tempo que permaneceram no Capelo, os Filiados da M. P. receberam a visita do Director e do Comandante do Centro Escolar n.º 1, do Auxiliar de Instrução Sarg. Garcia Dutra de amigos e antigos filiados da M. P.

O «Arauto», como orgão da M. P., agradece a todas as entidades e particulares que, de qualquer forma, contribuiram para a realização de mais este acampamento da Páscoa.

Publicações recebidas

Temos recebido regularmente as seguintes publicações:

«O Dever»—das Lajes do Pico.

«Bom Combate» — Boletim Paroquial da Madalena—Pico.

«Vid'Académica» — Centro Escolar n.º 1 do Liceu de Angra.

«Talha-Mar»—Jornal dos Graduados da M. P.

«Despertar» — Centro da M. P. do Liceu de Leiria.

«Alvorada» — Centro da M. P. do Liceu de Setúbal.

«Prá-Frente»—Centro da M. P. Liceu Passos Manuel.

O Valor Turístico do Faial

Quando descoberta, a nossa ilha entre 1433 e 1439 encerrava já belezas excepcionais que certamente foram agradáveis ao flamengo Josse de Hurtere que nela se fixou tornando-se seu donatário. Com este outros flamengos, vieram também, ficando-se na Horta e principalmente no Vale dos Flamengos que deles tomou o nome.

Josse edificou uma capela no sitio do Porto Pim sob a invocação de Santa Cruz.

Encerra a nossa formosa ilha templos antigos mas de valor e magnificiência extraordinários em azulejaria, como a Matriz da Horta, antigo colégio dos Jesuitas; e a Igreja de São Francisco, considerada como Monumento Nacional, devido à grandiosidade do seu estilo e talha dourada Além destas existem ainda a Igreja do Carmo e a Igreja dos Cedros que apresentam ao visitante bonitos paineis, antiquicimos e artisticos. O Castelo de Santa Cruz, é hoje também Monumento Nacional, a sua construção foi iniciada em 1567 mostra também a sua segura e simples estrutura.

Quanto a miradouros encontrâmo-los na Espalamaca do qual se disfrutam todo o conjunto citadino, quando ao amanhecer é beijado pelos primeiros raios de sol que ousados lhe vêm beijar a fronte num ósculo de amizade e o conjunto harmonioso das nossas ilhas irmãs espalhadas por mão de gigante em pleno oceano; são elas Pico, São Jorge e Graciosa. O miradouro da Guia o do Monte Carneiro são do mesmo modo alegres e singulares.

Mas não nos deixemos seduzir por estas belas e agradáveis vistas de olhos pela cidade. Há mais que ver. Muito mais; façamos uma viagem atravéz da ilha e reparemos então os encantos que essa ilha nos patenteia.

Passemos pela Ponta Furada, Feteira Castelo Branco, com o seu grande Morro que se afoita penetrante no mar.

Observemos a paisagem que daí se disputa, em dezenas de quilómetros.

A Baia do Varadouro com rochas altas e aprumadas forradas pelo verde negro da luxuriante vegetação.

Os chalés e o Balneário de Águas Termais sobressaem harmoniosamente no manto Verde-Azul.

As estradas estão cobertas de hortênsias no Verão. Olhando para o lado da terra a nossa vista apenas divisa o quadro belo das pastagens divididas com estas flores.

Devido à erupção vulcânica dos Capelinhos aquela zona ficou coberta por areias pedras e lavas; este sitio dá-nos a ideia de um autêntico deserto.

Passemos depois pela Praia do Norte onde mais adiante teremos de parar parar para admirar o enorme e medonho precepicio da Ribeira das Cabras.

Metamo-nos pela estrada interior da Ribeira Funda; a nossa vista para qualquer dos lados tem hortênsias com abundância, o arvoredo desaparece para; dar lugar à pastagem verdejante.

Avistaremos as freguesias dos Cedros, Salão, Ribeirinha, etc.

Um ar fresco e muito puro começa a condensar-se nas janelas do carro, estamos chegados à Caldeira. Subamos a escadaria que nos leva à beira.

Que maravilha!

O abismo cava-se fundo na nossa frente em forma circular com cerca de 6 quilómetros de perímetro, 400 de profundidade tendo cerca de 900 de altura a partir do nivel do mar. Lancemos um olhar serra abaixo para leste, avistaremos o porto da Horta, porto seguro, que outrora esteve replecto de navios que se abasteciam de carvão e víveres, ou se refugiavam da guerra.

Olhemos agora para a di-

Conclui na 7.ª página

Um pouco da História de LUANDA

Angola, a maior e mais rica provincia portuguesa tem, sobretudo nos últimos anos, sido vitima das maquinações, interesses e cobiça de certas nações. E' vitima da injustiça e da ganância estranha, pois, se nos tempos actuais a Humanidade se pode orgulhar de ver alguns estados vivendo em paz e para ela dando o melhor dos seus esforços, entre eles está, sem sombra de dúvida, o nosso país.

Mas será que esses inimigos do exterior que se acobertam e disfarçam em variadas formas, exibindo uns o seu selvajismo grotesco e natural, outros a sua hipocrisia de civilizados, não conhecem a História dos Portugueses em A'frica há mais de quatro séculos? Conhecerão eles, ao menos, a História duma pequena parcela da Africa Portuguesa — Luanda? Não conhecem ou fingem não conhecer, mas deverão saber quem é que, à custa de si dos seus sacrificios e tenacidade, tem o direito de lá permanecer ..

«Grande figura de herói da História dos Portugueses em África — Paulo Dias de Novais, fundava no ano de 1576, a que é hoje Luanda, então com o nome de S. Paulo de Luanda, nome simples, mas que só por si espelha o espirito do português conquistador de então — o espirito cristão.

Não teriam sido fáceis os primeiros tempos da povoação recém-criada: assaltos de nativos, escassez de colonos e dificuldades de comércio. Mas, mesmo assim, defendida pela sua artilharia, era ela a base das explorações para o interior: daqui partiram muitos daqueles que nos legaram Angola.

O seu desenvolvimento deve-se, em grande parte, ao comércio com o interior e à afluência, embora escassa, por enquanto, de colonos. Por 1920 no seu posto podiam ver-se dezenas de barcos, e lá se encontrava uma centena de brancos.

Infelizmente este progresso lento, mas continuo iria interromper-se bruscamente em 1641.

Em 1580 as vicissitudes da História levam o nosso jovem, intrépido e infeliz rei D. Sebastião a perder, na jornada de Alcácer-Quibir a sua jovem vida. Pouco tempo depois, deu-se a infeliz união de Portugal e Castela e, devido a isso, durante 60 anos e mais, o Império Português vai sofrer ataques ininterruptos por parte dos inimigos dos então nossas tradicionais inimigos — os espanhóis; em 1641, Luanda é-nos arrebatada pelos Holandeses.

Durante esses anos de ocupação Holandesa, Luanda não progride, nem sequer estagna, antes pelo contrário, recua, recua.. até que, do Brasil, vem em seu socorro Salvador Correia, outro grande nome português em África, que a liberta dos holandeses e, mais do que isso, vai reconstrui-la e dar-lhe o impulso de que há muito ela necessitava. Salvador Correia muda-lhe o nome para S. Paulo da Assunção de Luanda.

Agora que o nosso domínio se restabelece, Luanda, que é cidade desde 1605, passa a ser não só capital de Angola, mas também sede do Bispado de Angola-Congo. De lá saem as decisões e os missionários que vão espalhar pelo continente negro a fé de Cristo e a sua Lei.

De então para cá Luanda tem progredido, progredido... e hoje, sem receio de ser desmentido, ela está entre as maiores e mais belas cidades de Africa.

Hoje também ela, portuguesa como todo o Portugal, goza da nossa paz — a paz de Portugal, paz de espirito, já que, materialmente, ele foi afectado».

E' porque vemos tanto

Conclui na 9.ª página